

PRESENÇA INDÍGENA NAS ILHAS DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO (SÉCULO XVIII): ARQUEOLOGIA E ETNO-HISTÓRIA

Jade Paiva de Lima¹; Ricardo Pinto de Medeiros²

¹Estudante do Curso de Arqueologia - CFCH – UFPE; E-mail: jadepaiva_@hotmail.com,

²Docente/Pesquisador do Depto de Arqueologia – CFCH – UFPE. E-mail: ricardopintomedeiros@gmail.com

Sumário: O presente trabalho objetiva contribuir para um maior conhecimento da presença indígena nas ilhas do Submédio São Francisco, confrontando informações etno-históricas, arqueológicas e cartográficas em busca de criar um contexto que permita uma aproximação entre as informações documentais escritas provenientes de trabalhos anteriormente realizados sobre o tema e o material arqueológico coletado nos sítios escavados pelo projeto Itaparica, que encontra-se depositado no acervo da UFPE – Universidade Federal de Pernambuco. Utilizamos também os relatórios dos projetos de salvamento arqueológico e as publicações existentes sobre a região. Como resultados temos o preenchimento do banco de dados referente ao material arqueológico dos sítios que foram localizados na área estudada, sendo eles: Ilha de Sorobabel, Missão Nossa Senhora do Ó, Ilha de Itacuruba e Ilha da Assunção. Como também o fichamento de toda a documentação primária e secundária, encontrada. A última etapa foi a realização de mapas temáticos sobre a distribuição espacial e deslocamentos dos povos indígenas na região do Submédio São Francisco, sobre a distribuição das aldeias e vilas indígenas na região e sobre a localização dos sítios arqueológicos estudados. Podemos concluir então que os vestígios arqueológicos encontrados combinados com os dados históricos e etno-históricos confirmam a presença de etnias indígenas nas ilhas do São Francisco assim como suas rotas e locais das aldeias e posteriormente das missões onde esses índios foram aldeados.

Palavras-chave: Arqueologia; etno-história; povos indígenas; Submédio São Francisco

INTRODUÇÃO

O rio São Francisco foi uma das grandes rotas de migração e permanência de grupos pré-históricos há pelo menos 10 mil anos. Em toda sua extensão, 3.100 km há informações sobre a presença desses grupos (LUNA, 2006).

Segundo Martin (2013):

Os primitivos habitantes do vale do São Francisco descobriram a agricultura e aprenderam a fazer cerâmica, estabeleceram-se, principalmente, nas ilhas de formação quaternária, as quais, com solo muito fértil, apresentam-se como verdadeiros oásis no meio do semi-árido sanfranciscano.

O período colonial, a partir do século XVI, é marcado pelo início do extermínio dos grupos indígenas que habitavam a região, através de guerras e aprisionamento dos mesmos, para serem transformados em escravos. (LUNA, 2006)

No século XVIII, na região das Ilhas do Submédio São Francisco, assim como em outros locais do Nordeste, o processo de colonização se tornava mais intenso e os colonizadores passaram a ter maior contato com os indígenas do sertão, com o progresso da distribuição das sesmarias seguido do fim da guerra dos bárbaros, como também com o estabelecimento da política pombalina para os grupos indígenas. Isso gerou mais conflitos pelo território enquanto os grupos indígenas se deslocavam para outras áreas, seja por, migrações, fugas, expedições ou redução. (MEDEIROS E MUTZENBERG, 2014)

As aldeias ao serem transformadas em vilas no período pombalino passaram por uma mudança de nome e como um mesmo local pode possuir denominações distintas. Segundo Medeiros e Mutzenberg (2014): “*uma das características marcantes é que as missões geralmente têm seus nomes vinculados a topônimos indígenas (Inhanhus, Pambu, Axará, Aracapá, Sorobabé, Coripós) ou elementos da natureza.*”.

Duas das missões que são mencionadas no século XVIII, a de Sorobabé (Missão Nossa Senhora do Ó) e Missão Nossa Senhora da Assunção, foram sítios contemplados pelo projeto Itaparica de Salvamento Arqueológico, sendo a primeira escavada e a segunda apenas prospectada.

A maioria dos dados arqueológicos sobre a região do São Francisco são procedentes da execução de projetos de salvamento arqueológico, realizados devido a construção de barragens hidrelétricas como a de Sobradinho (década de 1970), Itaparica (década de 1980) e Xingó (década de 1990), como também as pesquisas realizadas por Carlos Estevão (1930) e Calderón (1960) na Gruta do Padre.

O material dos sítios arqueológicos estudados nesta pesquisa são provenientes das atividades de resgate realizadas pelo Projeto Itaparica de Salvamento Arqueológico (1981 – 1988), que foi desenvolvido em decorrência da construção da barragem de Itaparica, que inundou uma área de aproximadamente 834 km² e tinha como objetivo identificar e resgatar os sítios arqueológicos da extensa área que seria inundada.

O Projeto Itaparica foi dividido entre Pernambuco e Bahia, com as pesquisas da parte referente a Pernambuco realizadas pela Universidade Federal de Pernambuco sob coordenação de Gabriela Martin em convênio com a Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF, abrangendo os municípios de Petrolândia, Itacuruba, Floresta e Belém do São Francisco. Por sua vez as pesquisas na Bahia ficaram sob a responsabilidade da Universidade Federal da Bahia e do Museu de Arqueologia e Etnologia, coordenado pelo antropólogo Pedro Agostinho e pelo arqueólogo Carlos Etchevarne, abrangendo os municípios de Abaré, Chorrochó, Rodelas e Glória na Bahia. (ETCHEVARNE, 2002; MARTIN, 1998).

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho de pesquisa ocorreu em duas frentes: uma voltada para a documentação escrita e outra, voltada para a documentação arqueológica. No caso da documentação escrita, a pesquisa partiu de trabalhos anteriormente realizados sobre o tema.

No que diz respeito à documentação arqueológica, foram utilizadas fichas de análise do material coletado nos sítios escavados pelo projeto Itaparica, os relatórios dos projetos de salvamento arqueológico e as publicações existentes sobre a região. Essas fichas foram elaboradas para sistematizar as informações e listar os vestígios arqueológicos, através dos seguintes *atributos*: Etiqueta, Sítio, Município, Vestígio, Nível, Setor, Matéria-prima, Quantidade, Numeração, Pesquisador, Data e Observações. Após o preenchimento dessas fichas, os dados foram passados para o banco de dados, onde há duas entidades, uma para as informações sobre cada sítio seguindo os seguintes critérios: ID, Nome, Código, Localização, Tipo, Coordenadas Geográficas e Observações. A outra entidade é para os vestígios arqueológicos, sendo essas preenchidas com os mesmos dados das fichas de análise.

A etapa seguinte foi a realização de mapas temáticos sobre a distribuição espacial e deslocamentos dos povos indígenas na região do Submédio São Francisco, sobre a distribuição das aldeias e vilas indígenas na região e sobre a localização dos sítios arqueológicos encontrados.

RESULTADOS

Com a análise tipológica do material arqueológico dos sítios: Ilha de Sorobabel; Missão Nossa Senhora do Ó; Ilha de Itacuruba e Ilha da Assunção e o posterior preenchimento do banco de dados foi elaborada uma tabela síntese (tabela 1), listando os tipos e a quantidade de cada material por sítio arqueológico.

Foi realizada a reconstituição no Software AutoCad® de algumas peças através de fragmentos de borda/bojo dos Sítios Ilha de Sorobabel e Missão Nossa Senhora do Ó (figura 1), não sendo possível reconstituir nenhuma forma cerâmica dos sítios Ilha de Itacuruba e Ilha da Assunção pois os vestígios estão muito fragmentados e não se tem fragmento de borda/bojo que possa ser reconstituído. Apenas o mapa de localização dos sítios arqueológicos foi realizado.

Tipos de Vestígios	Quantidade de Vestígios do Sítio Ilha de Sorobabel	Quantidade de vestígios do Sítio Missão Nossa Senhora do Ó	Quantidade de Vestígios do sítio Ilha de Itacuruba	Quantidade de Vestígios do sítio Ilha da Assunção
Lítico	33	36	5	0
Cerâmica	1.240	2.051	10	5
Malacológico*	18	0	0	0
Adornos	4	0	0	0
Carvão*	Sim	0	0	0
Sedimento*	Sim	Sim	0	0
Vidro	0	33	0	0
Contas de Colar*	26	1	0	0
Faiança	0	42	0	0
Louça	0	6	0	0
Telha	2	105	7	3
Bloco	0	9	0	0
Argila*	Sim	12	0	0
Garrote Amarelo	0	1	0	0
Tijolo	0	2	0	1
Ferro	0	1	0	0
Prego	0	6	0	0
Ósseo*	Sim	Sim	0	0
Madeira*	Sim	0	0	0
Mica	Sim	0	0	0
Fauna*	Sim	0	0	0
Argila Branca	1	1	0	0
Dintal	0	1	0	0
Canaleta	0	5	0	0
Metal	0	4	0	0

Tabela 1: Relação da quantidade e tipo de material nos sítio Ilha de Sorobabel, Missão Nossa Senhora do Ó, Ilha de Itacuruba e Ilha da Assunção. Fonte: Laboratório de Estudos Arqueológicos – LEA.

*Alguns desses materiais não puderam ser quantificados por estarem muito fragmentados ou, como no caso do carvão e sedimento, o próprio material não permite quantificar.

DISCUSSÃO

Na tabela pode-se visualizar a abundância de material cerâmico nos sítios Ilha de Sorobabel, sendo 1.240 fragmentos e Missão Nossa Senhora do Ó, sendo 2.051

fragmentos. Isso indica que as populações da aldeia indígena (Ilha de Sorobabel) seriam grupos conhecedores da técnica da cerâmica, onde foi possível verificar de acordo com os fragmentos analisados que a maioria da cerâmica desse sítio é simples, com técnica de manufatura modelado, apenas com engobo em vermelho ou preto, indicando tratar-se de uma tecnologia indígena pouco modificada pelo contato. As formas dos vasilhames puderam ser verificadas após a reconstituição no software AutoCad®.

A quantidade de cerâmica é muito maior no sítio Missão Nossa Senhora do Ó, isso pode indicar que nesse sítio a manufatura desse material foi mais intensa pela quantidade de indivíduos envolvidos na sua produção ou por uma maior permanência no local. A cerâmica desse sítio continua sendo simples, porém já se encontra algumas vitrificadas com cor amarela, sendo ainda com pouca ou nenhuma decoração, algumas com borda reforçada ou unglada e se pode identificar um aumento na técnica de manufatura torneada. Essa técnica pode ter sido aprimorada com a inclusão de outros materiais após o contato desses grupos com os colonizadores.

CONCLUSÕES

Os vestígios arqueológicos encontrados combinados com os dados históricos e etno-históricos confirmam a presença de etnias indígenas nas ilhas do São Francisco e locais das aldeias/ missões.

Como descrito por MEDEIROS E MUTZENBERG (2014)

Na missão do Pontal, no limite oeste da região em estudo, estavam os Tamachius e Oriz. Descendo o rio, na missão seguinte dos Coripós, estavam os índios do mesmo nome da missão. Nas cinco missões seguintes (Inhanhus, Arapuá, S. Felix, Aracapá e Pambu) os Kariris e nas três últimas (Varge, Axará e Sorobabé) os Porcaz e Brancararus. Isso pode indicar uma distribuição espacial das etnias anterior ao contato, tendo as mesmas sido aldeadas próximas aos locais onde foram inicialmente contatadas.

Pesquisas futuras nos locais indicados como antigas missões e aldeias indígenas poderão fornecer mais subsídios sobre as características da cultura material destes grupos indígenas e sobre o processo de ocupação das ilhas, contribuindo para um maior conhecimento desta parte da nossa história.

AGRADECIMENTOS

Agradeço Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq pela bolsa para pesquisa, ao meu orientador o professor Drº Ricardo Medeiros, por toda atenção e ajuda durante o desenvolvimento e conclusão do projeto de pesquisa e aos meus amigos Paloma Martins e Lucas Bonald no apoio ao desenvolvimento do trabalho.

REFERÊNCIAS

ETCHEVARNE, Carlos. Ambiente e Ocupação Humana em uma Região do Sub-médio São Francisco, Bahia. Recife, **Revista CLIO – Série Arqueológica**, v. 1, n. 15, p. 61-88, 2002.

LUNA, Suely. As Pesquisas Arqueológicas Sobre Cerâmica no Nordeste do Brasil. **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**. Sergipe, Ed. MAX; Universidade Federal de Sergipe, n. 8, p. 167-207, 2006.

MARTIN, Gabriela. O Povoamento Pré-histórico do Vale do São Francisco. Recife, **Revista CLIO – Série Arqueológica**, v. 1, n. 13, p. 9-41, 1998.

MEDEIROS, Ricardo; MUTZENBERG, Demétrio. Cartografia Histórica das Relocações Indígenas nas Ilhas do Submédio São Francisco no Período Pombalino (1759-1761). **Revista Ultramares - Dossiê**. N. 5, V. 1, 2014.